

o cálculo dá sempre certo...

As condições de trabalho são penosas. Em São Paulo, na fábrica de cimento Portland, os operários são obrigados a entrar nas caldeiras, a fim de consertá-las. Para isto, turmas e turmas revezam-se, pois cada operário não pode trabalhar dentro da caldeira mais que alguns minutos — sob 76 e mais graus de calor!

O trabalho esgota rapidamente. Na fábrica de tecidos Matarazzo, em São Paulo, a operaria tem de trabalhar com 6 teares não automáticos.

Os patrões fecham as fábricas para não pagar as férias e, depois, reabrem as fábricas com operários novos e salários inferiores aos antigos.

A maior exploração e opressão são exercidas nas empresas imperialistas. A telefonista é mal paga e, se casa, tem de abandonar o emprego. Nestas empresas, os negros são recusados como empregados nos escritórios, só são aceitos nos trabalhos considerados “inferiores” e, em geral, não são promovidos a cargos como os de contra-mestre.

Contam-se por milhões os trabalhadores desempregados, famintos ou que vivem de trabalho de ocasião.

A miséria dos trabalhadores dos campos é muito grande. Um colono de São Paulo trata de 3000 cafeeiros e ganha apenas 60.000 reis mensais, muitas vezes pagos em vales ou bônus. Milhões de camponeses são golpeados pela crise e gemem sob o peso dos impostos e da renda paga em trabalho ou em produtos. O trabalhador rural do Brasil vive faminto, roto, descalço, vitimado pelas doenças sociais, trabalhando muitas vezes em troca da comida.

O imperialismo golpeia não somente os operários e os camponeses como também a pequena burguesia urbana e uma parte da burguesia brasileira. Daí o caráter geral e popular da luta revolucionária atual.

O Brasil é o maior produtor e o maior destruidor de café no mundo! O governo destruiu mais de 2 milhões de toneladas de café mas cada brasileiro — uns pelos outros — consome apenas 10 quilos de café por ano!

O movimento operário e o movimento nacional-revolucionário

Os trabalhadores não podem suportar, de forma alguma, o regime dominante. Depois da guerra imperialista e, sobretudo, com a Revolução de Outubro, o movimento operário do Brasil se desenvolveu muito. O proletariado em 1918–1920 organizou demonstrações e greves pelo aumento dos salários e em defesa da Revolução de Outubro. Em 1918, tentou tomar o poder. Em 1922, operários e intelectuais revolucionários organizaram o Partido Comunista que se desenvolveu dirigindo greves, realizando um amplo trabalho de agit-prop, de organização sindical, juvenil e feminina. Três meses depois do